

Centro de Pós-Graduação Andrew Jumper	
Curso	Mestrado em Aconselhamento – STM
Disciplina	O Perfil do Conselheiro Bíblico e Seus Procedimentos
Professor	Prof. Carlos Mendes
Aluno	William Freitas da Silva e Silva

O PAPEL DO SOFRIMENTO NO ACONSELHAMENTO

Palavras chave

Sufrimento, redenção, idolatria, amor, aconselhamento.

Introdução

Este artigo propõe uma reflexão sobre a relação entre o aconselhamento e o sofrimento, por este ser um aspecto bastante comum da vida humana. Não se pretende apresentar um estudo exaustivo sobre o tema, visto a sua complexidade e abrangência. Pretende-se, portanto, apresentar algumas reflexões bíblicas que podem auxiliar na condução deste tema durante as sessões de aconselhamento.

O sofrimento não deve ser considerado como algo incidental no processo de aconselhamento, mas sim como um aspecto natural da existência humana caída. Por isso, cabe ao conselheiro compreendê-lo como uma fonte de recursos para uma leitura mais acurada da alma humana.

Este artigo parte da proposta de Tripp¹, onde o autor enfatiza algumas capacidades que o conselheiro deve desenvolver no processo de aconselhamento e propõe uma releitura destes aspectos sob a ótica do sofrimento.

A proposta do conselheiro em ser um instrumento para que as pessoas se aproximem de Cristo implica necessariamente num conhecimento do papel do sofrimento no processo de aconselhamento e este é o objetivo deste artigo.

¹Tripp, Paul David: Tradução Eloisa Pasquini. Instrumentos nas mãos do Redentor. Pessoas que precisam ser transformadas ajudando pessoas que precisam de transformação. São Paulo: Nutra Publicações, 2009

O sofrimento humano deve muito da sua existência a idolatria, pois ao acreditar que poderia ser como Deus (Gen. 3.4,5), o homem retirou Deus do centro da sua vida e colocou partes da criação no seu lugar.

Um perigoso equívoco que faz com que as pessoas se afastem de Deus é um falso paradoxo entre a existência do sofrimento humano e um Deus bondoso que reina de forma soberana, no entanto, será defendido que a existência do sofrimento se deve exatamente pelo fato de Deus ser bom e soberano.

Deus proveu relacionamentos que devem ser vistos sob a ótica do aperfeiçoamento em Cristo por causa do amor que podem promover. O amor cristão, por sua vez, somente pode ser desenvolvido com pessoas específicas vivendo com seus problemas reais.

O conselheiro deve estar atento para que a sua atividade não se resuma a abordagens filosóficas e periféricas do problema que podem demonstrar a sua falta de comprometimento com o aconselhado.

O comprometimento com a vida do aconselhado deve ser manifesto por um falar que deve ser redentivo, pois esta é a característica essencial do falar de Deus e assim, o conselheiro poderá ser um instrumento para que o caráter seja trabalhado, os corações sejam revelados e o sofrimento não seja desperdiçado.

O sofrimento e a idolatria ²

O objetivo deste tópico é analisar o grau de relevância da idolatria no processo de investigação dos problemas que aparecem no aconselhamento.

A idolatria é um dos temas centrais das escrituras e pode ser considerada como a origem de todos os demais pecados. Os fatos que contribuem para esta constatação são: a própria queda, que ocorreu exatamente porque o homem caiu na tentação de ser como Deus (Gen. 3.4,5), o fato deste ser o primeiro pecado a ser condenado nos dez mandamentos (Ex 20) e a própria história do povo de Israel que comprova ter sido este pecado que levou Judá ao exílio e Israel à destruição.

Esta constatação escriturística demonstra a importância que deve ser dada ao tema da idolatria de forma que o conselheiro não o considere apenas como um objeto aleatório de estudo, mas sim como um aspecto funcional da alma humana.

²Este tópico foi retirado de um outro artigo de minha autoria que foi feito na disciplina de Aconselhamento de adolescentes no mestrado STM do CPAJ e a ideia central para o desenvolvimento do argumento veio do livro Deuses Falsos. Timothy Keller: - Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2010

A idolatria é o pecado que causou a queda do homem e, desta forma, passou a ser parte constituinte da sua natureza. Desta forma, se a idolatria não for a causa principal, deverá ser considerada, pelo menos, como uma causa importante a ser investigada no processo de aconselhamento.

A tese defendida é a de que, em algum grau, o sofrimento existe porque houve uma escolha do homem em ser o seu próprio Deus e, em não conseguindo, passou a criar deuses a sua própria imagem e a levantar ídolos dentro do seu coração (Ez.14.3).

O sofrimento existe, em algum grau, porque a pessoa não tem atribuído a Deus a devida honra, o que tem afetado a relação de adoração entre criatura e Criador que é estruturalmente necessária.

O homem deve se relacionar primeiro com seu criador, depois com seu próximo e, por fim, com tudo o mais em volta, sendo que o relacionamento Deus-homem deve ser o referencial. O homem, no entanto, ao se rebelar contra Deus, inverteu a lógica definida na criação, desequilibrou a sua existência e por isso, tanto sofrimento.

Hoekema afirma que a primeira consequência da queda foi um tremendo desapontamento, pois o homem ao invés de sentir-se igual a Deus, como havia sido a falsa promessa, foi dominado por um profundo sentimento de vergonha.³ Este fato denota a grande fraude que é o pecado à medida que entrega ao homem algo radicalmente diferente do que foi prometido.

Genesis 3.7 relata que Adão e Eva, quando pecaram, foram dominados pela vergonha e fizeram cintas para si. O fato dos órgãos genitais terem sido o objeto principal da vergonha sentida mostra que os meios geradores de vida estavam contaminados pelo pecado.⁴

Uma análise da história do povo de Israel feita por Beale ⁵ apresenta a história do pecado do povo de Israel e revela que eles se tornaram semelhantes a aquilo que adoravam e por isso foram arruinados.

Então disse ele: Vai, e dize a este povo: Ouvis, de fato, e não entendeis, e vedes, em verdade, mas não percebeis. Engorda o coração deste povo, e faze-lhe pesados os ouvidos, e fecha-lhe os olhos; para que ele não veja com os seus olhos, e não ouça com os seus ouvidos, nem entenda com o seu coração, nem se converta e seja sarado. Então disse eu: Até quando Senhor? E respondeu: Até que sejam desoladas as cidades e fiquem sem habitantes, e as casas sem moradores, e a terra seja de todo assolada. E o Senhor afaste dela os homens, e no meio da terra seja grande o desamparo. Porém ainda a décima parte ficará nela, e tornará a ser pastada; e como o carvalho, e como a azinheira,

³Hoekema, Anthony. Criados a imagem de Deus. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p.151

⁴H.C. Leupold, Exposition of Genesis, Vol 1 (Grand Rapids: Baker, 1953) p.154 apud Op Cit all Criados a imagem de Deus, p.151.

⁵Beale, G.K Você se torna aquilo que adora: uma teologia bíblica da adoração. São Paulo: Vida Nova, 2014, p.35.

que depois de se desfolharem, ainda ficam firmes, assim a santa semente será a firmeza dela. Isaías 6:9-13

O conselheiro precisa compreender a dinâmica e a importância do sofrimento na vida humana para que ele possa ministrar a cura e um bom ponto de partida é a compreensão de como o nosso Senhor lidou com o sofrimento.

O Redentor e o sofrimento

Um dos motivos que fazem com que as pessoas se afastem de Deus é o falso paradoxo entre a existência do sofrimento humano num mundo onde um Deus bondoso e soberano reina. O fato, no entanto, é que muito do sofrimento pelo qual as pessoas passam ocorre exatamente porque Deus é bom e justo e, desta forma, Deus tem sido excluído de alguns espaços públicos de discussão por causa daquilo que, na verdade, é uma consequência direta da sua existência.

A crença de que um Deus bom não poderia permitir o sofrimento é um pressuposto sobre o qual as pessoas constroem as suas argumentações. No entanto, o pressuposto correto é outro, pois existe a necessidade lógica de um Deus perfeitamente bom e soberano para que a vida e o universo funcionem.

O pressuposto de um único Deus bom e soberano auxilia na compreensão da relação entre o caráter de Deus e a existência do sofrimento. O fato é que o próprio Deus suportou o sofrimento causado pelo pecado. Os autores inspirados, em nenhum momento, demonstraram algum tipo de preocupação em provar que Deus é o que ele afirma ser, e, portanto, se a Bíblia for o referencial, este também deve ser o pressuposto.

Deus Pai identifica Jesus como o Deus Filho e afirma que o seu trono subsiste pelos séculos dos séculos sob a égide do seu cetro de equidade (Hebreus 1:8-10). Jesus é identificado como o filho ungido de Deus e como a fonte da vida eterna (Jo 20.30,31). Paulo chama Jesus de grande Deus e salvador e de fonte da graça que salva e que santifica (Tt 2.11,14) e o próprio Jesus exalta a sua glória eterna (Jo 17.5). Mateus relata o sofrimento agudo e intenso que esta identificação com o homem e com o seu pecado trouxeram a Jesus (Mt 27.46) e o próprio Deus Pai fala do seu próprio sofrimento (Isaías 1.14)

A primeira conclusão é que a existência do sofrimento não anula a bondade ou a soberania de Deus, como também, não implica que ele não ame a sua criação. Pelo contrário, o fato de Deus ser soberano e bom é o motivo pelo qual o pecado foi tão grave ao ponto de trazer o sofrimento para a criação (Gen. 3.16,19). A segunda conclusão é que a bondade e a soberania de Deus são reveladas de forma plena no sofrimento causado pela sua identificação com o pecado humano (2 Co 5.21) por puro amor e misericórdia (Ef 2.4).

O relacionamento de Deus com o homem é pautado pelo sofrimento, então não faz sentido excluir a existência de Deus por causa do sofrimento humano. Conclui-se que a existência do sofrimento não é porque Deus não existe e nem porque Ele não nos ama, é exatamente o contrário.

A carta aos Filipenses tem a alegria em meio às mais sérias provações como um dos seus principais temas. Paulo estava preso quando escreveu esta carta, no entanto, a alegria é um termo recorrente nesta epístola. Em Fp 2:3 a11, Paulo consegue explicar o motivo pelo qual o sofrimento não deve ser considerado como algo estranho a nossa existência, pois Cristo, mesmo sendo Deus, se humilhou ao ponto de ser considerado como maldito pelos homens, sendo obediente e obediente até a morte e morte de cruz.

Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo. Não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual também para o que é dos outros. De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, Mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; E, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz. Por isso, também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um nome que é sobre todo o nome; Para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, E toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai. Filipenses 2:3-11

Para que o conselheiro leve as pessoas para mais próximo de Cristo, ele precisará se espelhar no amor de Cristo pelas pessoas.

Amar alguém envolve sofrimento

O grande desafio do conselheiro é encarnar o amor sacrificial de Cristo. O amor cristão não ocorre desvinculado de pessoas e de situações específicas, por isso Deus provê relacionamentos para que haja o aperfeiçoamento em Cristo e seu amor seja comunicado.

O meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a sua vida pelos seus amigos. Vós sereis meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando. Já vos não chamarei servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho feito conhecer. João 15:12-15

Paulo, na sua carta a Tito, revela de forma clara que existe uma forte identificação do Grande Deus e Salvador com o ser humano para o livrar da iniquidade.

Porque a graça salvadora de Deus se há manifestado a todos os homens, Ensinando-nos que, renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos neste presente século sóbria, e justa, e piamente, Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo; O qual se deu a si mesmo por nós para nos remir de toda a iniquidade, e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras. Tito 2:11-14

Somente um homem poderia fazer o caminho de obediência que o leva de volta a Deus, e somente Deus poderia suportar a ira do próprio Deus contra o pecado e, por isso, Jesus teve que se envolver com o seu povo e amá-lo até a morte e morte de Cruz.

O amor é uma ordem para que haja envolvimento com as pessoas, mesmo que isto implique num alto custo. O amor romântico não é o que é determinado aqui, mas sim o amor sacrificial. Jesus por ter amado profundamente sofreu todo tipo de agressão física e emocional, até o ponto de se sentir abandonado pelo próprio Deus (Mc 15:32-36). No entanto, foi por causa deste amor, que pessoas que estavam mortas em seus delitos e pecados passaram a ter vida, ao invés de morte (Ef 2:3-6).

Esta é uma dinâmica que se repete na vida do conselheiro, pois é certo que os pecados que aprisionam a pessoa e que a faz sofrer, em algum momento se voltarão para a pessoa do conselheiro. Será necessária uma caminhada relativamente longa para que se entenda esta parte das escrituras, não porque sejam complexas, mas porque são verdades que tem a ver com questões fundamentais da nossa existência. É necessário que se abra mão de alguns conceitos em prol de verdades que são eternas e que tem o poder de mudar radicalmente como Deus é visto e, conseqüentemente, como devem ser relacionamentos entre os conselheiros e aconselhados.

O sofrimento necessário para se amar as pessoas será um instrumento nas mãos de Deus para que portas sejam abertas e Cristo seja apresentado. No entanto, muitas das vezes, a opção é a manutenção de uma distância de segurança travestida por uma lista de versículos decorados e distantes da realidade.

A Bíblia é pródiga em relatar situações em que o próprio Deus paga um alto preço por se relacionar com o homem. Em Gen. 22.2, o sacrifício de Cristo é prefigurado de forma direta, quando Deus faz menção ao sacrifício de Isaque que era o único filho de Abraão a quem ele amava e em Gen. 22.5 a 8, Abraão revela que o cordeiro seria provido pelo próprio Deus.

Em Genesis 15, a aliança entre Deus e Abraão foi realizada quando o próprio Deus passou entre os pedaços dos animais revelando que Ele mesmo pagaria o preço pela infidelidade de Abraão e de seus filhos na fé.

Uma das passagens que mais retrata o sofrimento relacional que o próprio Deus passa em prol da manutenção de um relacionamento está no livro de Isaías.

Não continueis a trazer ofertas vãs; o incenso é para mim abominação, e as luas novas, e os sábados, e a convocação das assembleias; não posso suportar iniquidade, nem mesmo a reunião solene. As vossas luas novas, e as vossas solenidades, a minha alma as odeia; já me são pesadas; já estou cansado de as sofrer.
Isaías 1:13,14

Neste texto, Deus declara que a causa do seu sofrimento é a religiosidade vazia do povo que Ele ama e que é fruto de séculos de idolatria. As palavras são contundentes, pois Deus afirma não poder suportar a iniquidade travestida de solenidade e expressa o seu sentimento mais profundo ao afirmar que está cansado de sofrer.

O relacionamento envolve sofrimento e o conselheiro precisa estar ciente de que esta é uma realidade pela qual terá que passar se quiser que as pessoas se aproximem de Cristo. Se o conselheiro amar verdadeiramente as pessoas, terá que ser também capaz de se identificar com o sofrimento delas.

Ajudar alguém implica em se identificar com seu sofrimento

Um dos sintomas que revela que o conselheiro não adentrou no mundo de sofrimento do aconselhado é quando uma abordagem filosófica, fria e periférica do problema é apresentada⁶.

Ao comentar o Salmo 42.11 Fox ⁷ comenta que: *“...há um lugar na Escritura onde a mente e o coração se encontram, onde os pensamentos e sentimentos se juntam: os Salmos de Lamento. E nos lamentos vemos que, embora a mente e o coração sejam importantes, há tempos em que um precisa liderar o outro.”*

Por que estás abatida, ó minha alma, e por que te perturbas dentro de mim? Espera em Deus, pois ainda o louvarei, o qual é a salvação da minha face, e o meu Deus. Sl 42.11.

Esta nota auxilia o conselheiro a buscar a identificação com o sofrimento alheio e a partir disso buscar conhecer melhor a pessoa a quem quer servir.

A carta aos Hebreus traz importantes ensinamentos com relação a identificação com o sofrimento como meio de demonstrar o amor redentor de Cristo.

Como também diz, noutro lugar: Tu és sacerdote eternamente. Segundo a ordem de Melquisedeque. O qual, nos dias da sua carne, oferecendo, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que o podia livrar da morte, foi ouvido quanto ao que temia. Ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu. E, sendo ele consumado, veio a ser a causa da eterna salvação para todos os que lhe obedecem; Hebreus 5:6-9

Hebreus trata da eficácia do sacerdócio de Cristo e, entre outras coisas, explica porque Cristo é o nosso sacerdote. Cristo é o Sumo sacerdote porque ao se identificar com o sofrimento humano, se identificou com o próprio homem e o resgatou.

⁶KELLER, Timothy: Caminhando com Deus em meio à dor e ao sofrimento. São Paulo. Vida Nova, 2016. p.17

⁷ Salmos de lamento: onde a mente e o coração se encontram por Christina Fox <http://reforma21.org/artigos/salmos-de-lamento-onde-a-mente-e-o-coracao-se-encontram.html>. Acesso em 06 dez

A compreensão da obra de Jesus muitas vezes é limitada a um fato histórico no passado quando Ele nos resgatou e nos salvou. Mas não é assim, pois a obra de Jesus continua para toda a eternidade.

Mas este, porque permanece eternamente, tem um sacerdócio perpétuo. Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles. Hebreus 7:24,25

Cristo se identificou de tal modo com o sofrimento humano que, apesar de estar nos mais altos dos céus e sentado à direita de Deus Pai, alterou por toda a eternidade o que passou a fazer ao lado de Deus, pois agora e para todo sempre Ele vive para interceder pelo seu povo.

O apóstolo Paulo em várias de suas cartas também demonstra o seu intenso amor pastoral ao estar em constante sofrimento, chegando a comparar este sofrimento pelas igrejas que ele cuidava com as dores de um parto.

A identificação com o sofrimento alheio é uma parte integrante do cuidado pastoral que o conselheiro deve desenvolver, e é um passo além do sofrimento advindo do relacionamento como foi dissertado no tópico anterior.

Compreender e se identificar com o sofrimento do outro é uma das formas mais práticas de conhecer a pessoa e ao mesmo tempo estabelecer uma porta que pode criar um acesso pelo muro pessoal que todos temos e comunicar o evangelho de forma mais autêntica.

Deus tomou a iniciativa de entrar na história humana para que, pelo seu amor, pudesse resgatar o seu povo e o conselheiro precisará, também, tomar iniciativas arriscadas, se quiser ajudar as pessoas a estarem mais próximas de Cristo.

As pessoas precisam nos conhecer se quisermos conhecer as pessoas. Precisaremos conhecer as pessoas, ao invés de ficarmos no nível das suposições que é o nível mais elementar e limitado em que um relacionamento pode estar.

Mas enfim, o que significa se identificar com o sofrimento alheio?

Implica necessariamente em amar a pessoa num nível de comprometimento pessoal e estar disposto a pagar o preço por isso.

Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros. Não sejais vagarosos no cuidado; sede fervorosos no espírito, servindo ao Senhor; Alegrai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação, perseverai na oração; Comunicaí com os santos nas suas necessidades, segui a hospitalidade; Abençoi aos que vos perseguem, abençoi, e não amaldiçoeis. Alegrai-vos com os que se alegram; e chorai com os que choram; Romanos 12:10-15

Neste texto, Paulo nos exorta a desenvolver uma perspectiva cristã de vida. Esta é uma ética sobrenatural que somente pode ser suportada pelo Espírito Santo que habita no cristão.

O conselheiro deve se importar com a dor da pessoa de forma que isto lhe seja comunicado com atitudes práticas e falar de forma redentiva, mesmo em meio ao sofrimento, é uma destas formas.

O sofrimento não deve impedir que o falar seja redentivo

O falar deve ser redentivo pois Deus sempre fala de forma redentiva. Desde o Éden, quando houve a queda, Deus ao se dirigir ao homem, o faz de forma redentiva. Antes mesmo de proferir o juízo de dor e sofrimento ao ser humano por causa da desobediência (Gen. 3.16,17), Deus proveu a redenção (Gen. 3.15) e logo depois a proteção e o cuidado. (Gen. 3.21).

O sofrimento não é algo aleatório, pois ele somente existe porque houve desobediência às leis de Deus. O sofrimento permitido por Deus não é algo que venha desprovido de redenção.

Jeremias foi um profeta que trazia mensagem da parte de Deus com forte teor de sofrimento, pois suas profecias se referiam aos pecados do povo, ao invasor que Deus enviaria, aos rigores do cerco de Jerusalém e ao flagelo da destruição ⁸. No entanto, em Jeremias 31.31-33, Deus revela o seu real propósito redentivo com o sofrimento a que o povo seria submetido.

Eis que dias vêm, diz o Senhor, em que farei uma aliança nova com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; porque eles invalidaram a minha aliança apesar de eu os haver desposado, diz o Senhor. Mas esta é a aliança que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. Jeremias 31:31-33

A nova aliança profetizada por Jeremias é cumprida de forma cabal por Cristo, quando de forma explicita relaciona o seu sofrimento com a nova aliança.

E, tendo dado graças, o partiu e disse: Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim. 1 Coríntios 11:24,25

O profeta Ezequiel traz um outro exemplo do falar redentivo. Este profeta foi levantado por Deus, também, num período de grande sofrimento, quando Judá estava exilado na Babilônia. Os sofrimentos eram grandes, mas a palavra de Deus sempre trazia um aspecto redentivo.

E meu Servo Davi será rei sobre eles, e todos eles terão um só pastor; e andarão nos meus juízos e guardarão os meus estatutos, e os observarão. E habitarão na terra que dei a meu Servo Jacó, em que habitaram vossos pais; e habitarão nela, eles e seus filhos, e os filhos de seus filhos, para sempre, e Davi, meu servo, será seu príncipe eternamente. E farei com eles uma aliança de paz; e será uma aliança perpétua. E os estabelecerei, e os multiplicarei, e porei o meu santuário no meio deles para sempre. Ezequiel 37:24-26

⁸Bíblia de estudo MacArthur.

O texto de Ezequiel 37. 24 a 26 é um dos textos que melhor explicita o caráter orgânico e redentivo da revelação. Caráter este que é expresso por meio da renovação das alianças. Neste texto são citadas as alianças com Davi (24.a “ O meu servo Davi reinará sobre eles”), com Moisés (24.b “andarão nos meus juízos e guardarão os meus estatutos”), com os patriarcas (25. Habitarão na terra que dei a meu Servo Jacó) e com o próprio Cristo (26 “ farei com eles uma aliança perpétua).

O apóstolo Paulo na sua carta aos Coríntios revela um exemplo perfeito de falar redentivo. A igreja era caracterizada por pecados graves e por uma forte divisão, no entanto o apóstolo, ao se dirigir aos cristãos, os identifica como santificados, reforça a promessa da Graça que foi manifesta em Cristo, bem como resultado já alcançado do seu enriquecimento espiritual.

À igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados santos, com todos os que em todo o lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso. Graça e paz da parte de Deus nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo. Sempre dou graças ao meu Deus por vós pela graça de Deus que vos foi dada em Jesus Cristo. Porque em tudo fostes enriquecidos nele, em toda a palavra e em todo o conhecimento. 1 Coríntios 1:2-5

O falar redentivo em meio ao caos parece ser o padrão bíblico a ser seguido pelo conselheiro. As passagens citadas ilustram a realidade de que Deus fala em meio à confusão sempre com uma atitude que caminha para a redenção da situação e das pessoas. Isto é verdade mesmo que nos casos em que o próprio agente da redenção é aquele que sofre.

Esta atitude redentiva do falar do conselheiro possibilita que o sofrimento não seja desperdiçado.

O sofrimento não deve ser desperdiçado

O sofrimento deve ser entendido como um instrumento que possibilita que o caráter seja trabalhado, pois é por meio dele que os corações são revelados. A resposta a este desafio pode revelar um coração rebelde ou um coração submisso a Deus. A passagem de Abel e Caim é um excelente exemplo.

Mas para Caim e para a sua oferta não atentou. E irou-se Caim fortemente, e descaiu-lhe o semblante. E o Senhor disse a Caim: Por que te iraste? E por que descaiu o teu semblante? Se bem fizeres, não é certo que serás aceito? E se não fizeres bem, o pecado jaz à porta, e sobre ti será o seu desejo, mas sobre ele deves dominar. Gênesis 4:5-7

Observe que Caim, em meio ao seu sofrimento, se irou ao invés de se arrepender pelo fato de Deus não ter se agradado da sua oferta. E não somente se irou, como também, rejeitou a nova oportunidade que lhe fora dada para que se arrependesse: “Se bem fizeres, não é certo que serás aceito? ”.

Um coração obstinadamente rebelde foi revelado e a Palavra de Deus afirma que ele poderia ter feito diferente, pois o arrependimento era possível e com isto ele seria aceito por Deus e ter seu caráter trabalhado, mas não foi esta a decisão.

O sofrimento não deva ser desperdiçado porque o próprio Deus caminha com o seu povo em meio ao sofrimento. Se Deus for tratado como Deus no sofrimento, não somente a glória de Deus será engrandecida (não aumentada), mas também, os efeitos deste engrandecimento se tornarão visíveis na vida humana. O desafio é a compreensão de que Deus ampara seu povo em meio a dor e ao sofrimento.⁹

Quando passares pelas águas estarei contigo, e quando pelos rios, eles não te submergirão; quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti. Porque eu sou o Senhor teu Deus, o Santo de Israel, o teu Salvador; dei o Egito por teu resgate, a Etiópia e a Seba em teu lugar. Visto que foste precioso aos meus olhos, também foste honrado, e eu te amei, assim dei os homens por ti, e os povos pela tua vida. Não temas, pois, porque estou contigo; trarei a tua descendência desde o oriente, e te ajuntarei desde o ocidente. Isaías 43:2-5

O sofrimento revela o caráter e em que ou quem realmente se crê. O sofrimento desnuda a alma e por isso serve como um excelente ponto de partida para que se reconheça que temos um Deus em quem confiar.

Aquietai-vos, e sabeis que eu sou Deus; serei exaltado entre os gentios; serei exaltado sobre a terra SI 46.10

O crescimento em meio ao sofrimento é um excelente meio de trazer a teologia para o mundo real. Muitas vezes a teologia é entendida como algo periférico a vida real porque trata de meras especulações cognitivas que nada tem a ver com as questões existenciais e afetivas do ser humano.

Deus, no entanto, se revelou por meios observáveis vinculados a lugares, situações e pessoas específicas. McGrath¹⁰, ao apresentar a teologia da cruz de Lutero, afirma que a teologia não deve ser vista apenas por um prisma sistemático, mas sim com um meio de encontrar uma direção existencial em meio a um mundo sombrio e imerso no pecado e que a teologia deve funcionar mais com uma bússola do que como um mapa.

Este desafio impõe que o conselheiro esteja imerso nas histórias descritas nas escrituras de forma que possa se identificar com as realidades ali reveladas e que possa comunicá-las ao seu aconselhado.

⁹ Cf. KELLER. Op., cit. Esta é a defesa que o autor faz na terceira parte de seu livro: caminhando com Deus na fornalha.

¹⁰MCGRATH, Alister E. Lutero e a Teologia da cruz. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, p. 210

A grade criação, queda e redenção aponta para o caráter relacional da vida onde Deus estabeleceu uma aliança eterna, a partir da qual o Espírito Santo aplica o Evangelho no coração de seus filhos em direção a redenção definitiva de todas as coisas.¹¹

O apóstolo João ao escrever para pessoas que estavam sob forte perseguição do imperador Domiciano ¹², não propõe um alívio imediato, mas sim uma forte palavra de esperança.

E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas. E o que estava assentado sobre o trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E disse-me: Escreve; porque estas palavras são verdadeiras e fiéis. Apocalipse 21:4,5

O sofrimento sem esperança é insuportável e a palavra final deve ser sempre a de esperança.

CONCLUSÃO

Este artigo propôs uma reflexão sobre o papel funcional do sofrimento no processo de aconselhamento. O fato de que o sofrimento é inerente a condição humana e fruto da condição caída deve servir de base para a atuação do conselheiro neste processo.

Mostrou-se bíblicamente que a idolatria é a causa de muitos dos sofrimentos humanos e que Jesus Cristo é o exemplo de como se deve lidar com esta característica da existência humana. A exemplo do nosso redentor, o conselheiro deve estar pronto a sofrer pelo simples fato de amar alguém, como também deve estar ciente de que deve se identificar com o sofrimento alheio para que possa servir como instrumento de Deus na vida das pessoas.

O sofrimento não deve impedir que o falar do conselheiro seja redentivo, considerando-se que as escrituras demonstram que este é o padrão no relacionamento de Deus com o homem de forma que o sofrimento não seja desperdiçado

¹¹POWLISON, David. Ídolos do coração & Feira de vaidades; motivação individual e condicionamento sociológico. Brasília. DF: 1996,p.8-10.

¹²Cf. KELLER. Op., cit., p. 333